

O Economista como Filósofo: Em Busca do Mercado Perdido

THE ECONOMIST AS A PHILOSOPHER: IN A SEARCH FOR THE LOST MARKET

*Gilson Schwartz**

Além da Oferta e da Procura

Nosso objetivo geral é avançar na formulação teórica sobre as relações entre ciência, técnica, virtude e vida social no processo de criação e destruição de moedas e dívidas por meios digitais.

O economista, na pele do filósofo, procura como na Antiguidade já se procurou um homem honesto, mas diferentemente de Diógenes, o Cínico, o economista não procura outra virtude que não a do Mercado. Seus valores são aqueles que o Mercado determina livremente, ou seja, a liberdade é o pressuposto mais fundamental dessa procura que se torna visível nos preços.

Com as transformações tecnológicas contemporâneas, o cerne do sistema de capital espetacular e especulativo é atingido em sua constituição mais elementar, tornando-se digital. O “bitcoin” é sintoma de uma profunda mudança estrutural, que afeta a própria teoria do valor. Já não se trata apenas de oferta e procura definindo preços, mas dos códigos numéricos (protocolos, softwares, infra-estruturas e marcos regulatórios) que organizam as transações digitalizadas definindo outras modalidades de valoração, valorização, avaliação, precificação e monetização.

Além da oferta e da procura, há o código cuja inteligência artificial é mais ou menos reflexivamente coletiva, colaborativa, conectiva, cooperativa e crítica.

O economista-filósofo (raramente na pele do Rei-Filósofo) indaga o mundo contemporâneo com um farolete de “led”, em lugar da lampa-

rina. Surgem e desaparecem mercados feitos totalmente de tecnologia, as economias de plataforma.

Seria ainda Mercado isso que se configura como “rede social” digital?

A partir de Stiglitz (2001) tornou-se pertinente suspeitar da emergência de um novo paradigma na teoria econômica (assim como em suas metodologias de pesquisa, mensuração, tecnologias e aplicações práticas) centrado no valor da informação. Yochai Benkler ressalta essa economia pós-industrial em rede a ponto de rivalizar com Adam Smith escrevendo sobre “A Riqueza das Redes” (2006). Em 2008, o que se afigurava como início de uma nova era é tingido pela desaceleração e crise mais grave da história capitalista desde 1929.

Atento às relações entre expectativas, linguagem e crise do Padrão Ouro, Keynes há quase um século apontava para a dinâmica econômica caracterizada como um jogo de expectativas, uma linguagem sem limites (Schwartz, 2000). Ou como processo de destruição criadora. A economia da informação digital tornou ainda mais infinitos os horizontes da economia como linguagem e como plataforma comunicacional de negócios, modelo de produção e compartilhamentos.

Ampliaram-se também os desequilíbrios e os ciclos de criação e destruição parecem mais curtos, sem que o futuro pareça promissor fora do aprofundamento ainda mais radical de algumas das tendências tecnológicas que se firmaram desde a grande guerra. As questões de ordem afetiva, política e institucional que cercam a criação social de valores fo-

ram igualmente abaladas após o colapso de 2008: um ciclo comparável ao movimento que em Seattle anunciava o fim do sonho americano alguns anos antes.

Na economia do software livre, a cadeia de valor é outra, retoma-se a leitura de Marcel Mauss, as dimensões antropológicas da troca ganham visibilidade e os movimentos de economia solidária, colaborativa e de inovação aberta alteram o sentido, a densidade e a sustentabilidade daquilo que denominamos “mercado”, atravessado agora por fluxos em redes de informação e comunicação audiovisual. Nesse contexto de ícones e literacias, a criação monetária enfrenta tendências de desintermediação e desmaterialização da própria noção de valor, afetado pela intangibilidade e fugacidade dos valores formados em redes.

Nesse ambiente tecnológico, social e cultural, destaca-se nos últimos 5 anos a emergência das plataformas digitais como realidades econômicas que estão além das dicotomias clássicas entre mercado X Estado, público X privado, individual X coletivo, aberto X fechado, efetivo X afetivo, existência X essência (Kenney, Zysman, 2015).

Essa visão dos desafios para a teoria econômica no alvorecer do século 21 é resumida na ideia de uma nova teoria do valor como *ícone* – uma **Iconomia**.

Experimentalmente, as relações entre economia, tecnologia e comunicações ganham notável relevância quando o objeto são as moedas digitais, especialmente as moedas sociais ou complementares.

Em nenhum objeto da economia parecem tão reciprocamente im-

plicadas as dimensões da troca, da tecnologia e da cultura.

Quando se trata da emergência e difusão de moedas digitais no próprio campo da cultura (a exemplo de moedas em games e universos de fantasia “jogáveis”), o fenômeno ganha ainda mais pertinência e parece funcionar como fonte de inspiração e experimentação para novas formas de monetização lúdica com impactos afetivos e efetivos tão poderosos quanto os já verificados na criação, uso e circulação do dinheiro mais “convencional”.

O que afinal está além da oferta e da procura? Trata-se de abrir o código pelo qual se traduzem os desejos e afetos em valor de troca.

Iconomia e Literacia

Além da economia criativa, da cultura audiovisual ou do espetáculo, a produção real e simbólica dessa iconomia indissociável da emergência de cidades digitais pressupõe que as redes não apenas produzem essa reconfiguração no comportamento das pessoas inseridas nisso que nos acostumamos a chamar de “redes sociais” (como se alguma rede ou tecnologia pudesse existir sem ser social) mas reorganizam o mundo e obrigam a espécie humana a pensar de uma nova forma, atualizando a crítica da racionalidade técnica e instrumental e nos convidando a novos modelos de resistência (e re-existência) criativa frente à marcha acelerada rumo à automação informacional, à precarização do trabalho vivo e à alienação de massa pelo consumo insustentável realimentado de maus

infinitos e consciências programadas para ser infelizes.

Discutir essa guinada epistemológica – que eu denomino “icônica”, a fundar uma Iconomia – é condição para promover a convergência dos letramentos midiáticos, informacionais e criativos que reverberam nas redes digitais e nos convidam a pensar diferente e também a pensar a diferença, o risco de supressão da diversidade e o potencial de emancipação em novas dimensões da organização da economia, da ciência e da cultura.

A internet tem uma dimensão técnica, mas tem também uma dimensão audiovisual, icônica. Essa conexão audiovisual da engenharia é o que lhe dá um novo sentido. Como nós vamos dar sentido aos objetos, às decisões, às nossas relações, se não for por objetos que são, ao mesmo tempo, tecnologia avançada e afetividade aumentada por inteligências conectadas?

A palavra “economia” deriva da junção dos termos gregos *oikos* (casa) e *nomos* (costume, lei), denotando a administração da casa, do lar. A economia doméstica sempre foi a metáfora preferida dos economistas: você não pode gastar mais do que tem, precisa saber ajustar meios a fins, etc. Esse é o paradigma clássico da equivalência cartesiana entre oferta e demanda, que nos leva à expectativa ou confiança na existência de um preço de equilíbrio - tudo muito objetivo, mecânico, determinista.

Na iconomia, entramos num universo sem precedentes: já não estamos nos relacionando apenas a regras de “gestão da casa” (ou da empresa, das contas públicas, etc.), mas a regras de gestão de ícones. As redes sociais produzem reputação, afetividade, diálogos, aglomerações e novas

territorialidades híbridas, locais e globais. Essas múltiplas esferas identitárias que se expressam em ícones, a começar por um ícone como o *like* no Facebook, são o caminho mais rápido para compartilhar conteúdo em redes sociais e gerar novas cadeias de valor e monetização.

Assim, mais que preço ou precificação, estamos entrando numa dimensão de apreço, de apreciação. Na internet, nessa “íconomia”, o *nomos* é definido pelo ícone, por algo que é intangível, que é código visual, imaterial, real e simbólico ao mesmo tempo.

A internet não é apenas um artefato de engenharia, não é apenas um instrumento para aumentar a escala de ações econômicas, sociais e culturais. A pesquisa sobre íconomia terá como resultado um panorama interdisciplinar voltado a essa emergência iconômica contemporânea em territórios urbanos globalizados e marcados pela errância periférica de indivíduos, comunidades e Nações numa rede que não tem centro.

Já numa economia pós-industrial em redes, surgiu com perspectiva microeconômica, comportamental e utópica, a visão de Yochai Benkler, que ressalta nessa nova economia de informação em rede a mesma mudança epistemológica indicada por Stiglitz, a ponto de parodiar Adam Smith escrevendo “A Riqueza das Redes” (2006). Em 2008, o que se afigurava como início de uma nova era é tingido pela desaceleração e crise mais grave da história capitalista desde 1929.

Atento às relações entre expectativas, linguagem e crise do Padrão Ouro, Keynes há quase um século apontava para a dinâmica econômica caracterizada como um jogo de expectativas, uma linguagem sem

limites ou uma economia cujos limites são dados pela linguagem, pela narrativa e pelas convenções expectationais (Schwartz, 2000).

A própria disrupção linguística se afigura como processo de destruição criadora – os protocolos de conexão, as novas visibilidades e a emergência de um “commons” global são promessas que ameaçam desde já o establishment habituado às regras de intermediação anteriores à disseminação das infraestruturas de redes digitais.

A economia da informação digital tornou ainda mais infinitos os horizontes da economia como linguagem e como plataforma comunicacional de negócios, modelo de produção e compartilhamentos. Tornam-se mais complexas as cadeias de valor e, ao mesmo tempo, as identidades, memórias e projetos individuais e coletivos ganham nova iconicidade, efetiva e afetiva, por meio da qual podem abrir-se oportunidades de inclusão, inovação e institucionalização (ou visibilidade/audiência/escala).

Ampliaram-se também os desequilíbrios e ameaças, os ciclos de criação e destruição parecem mais curtos, sem que o futuro pareça promissor fora do aprofundamento ainda mais radical de algumas das tendências tecnológicas que se firmaram desde a grande guerra.

As questões de ordem afetiva, política e institucional que cercam a criação social de valores foram igualmente abaladas após o colapso de 2008: um ciclo comparável ao movimento que em Seattle anunciava o fim do sonho americano alguns anos antes. A profundidade da crise global é tamanha que palavras de ordem de cunho mais radical hoje integram o mainstream nas sociedades democráticas: nos EUA, a pauta é desconstruir

o sistema bancário; no Reino Unido, a desconexão voluntária com relação ao euro coincide com a defesa crescente de sistemas de ajuda social como a renda de cidadania.

Ao acolher essas questões centrais do debate econômico, político e tecnológico atual, propomos o aprofundamento do debate tanto do ponto de vista de história do pensamento econômico quanto das aproximações e interdisciplinaridades necessárias com as humanidades em todas as suas vertentes ideológicas, assim como uma aproximação entre a perspectiva teórica geral da economia e a emergência de uma agenda científica coletiva que alcança as engenharias, arquitetura e urbanismo, saúde e meio ambiente, direito, economia, administração e contabilidade, desenvolvimento urbano e rural, psicologia social e política, entre outras áreas concatenadas pela afetação comum aos efeitos da revolução digital.

Nesse contexto de novos ícones e literacias ampliadas, a criação monetária enfrenta tendências de desintermediação e desmaterialização da própria noção de valor, afetado pela intangibilidade e fugacidade dos valores formados em redes, pelas expectativas aceleradas por interfaces de informação em tempo real e pelas suas regras de acesso, privacidade e transparência.

Conclusão

A partir de 2015 o grupo de pesquisa “Cidade do Conhecimento”¹

1 www.cidade.usp.br

assume a Curadoria do “Portal da Juventude” da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania de São Paulo, projeto que em 2016 convergiu com a promoção pela UNESCO de uma “Youth Agenda” e de uma campanha mundial (MILCLICKS) centrada na experimentação com emissão e circulação de moedas complementares em iniciativas de alfabetização midiática e informacional na periferia de São Paulo e de outras cidades². Finalmente, ainda em 2016 a Cátedra Franco-Brasileira no Estado de São Paulo premiou a “Cidade do Conhecimento” com o projeto “Re.Ville.Action”, em parceria com o “laboratório de excelência” (labex) “Indústrias Culturais e Criação Artística” (ICCA), da Universidade de Paris 13. O “Portal”, a campanha da UNESCO e a Cátedra Franco-Brasileira alinham-se portanto para criar uma excepcional oportunidade de avaliação prática de tecnologias, metodologias e indicadores de impacto associados a inclusão digital.

Seja do ponto de vista da revisão teórica no campo da economia monetária e financeira sob o impacto das novas tecnologias digitais de informação e comunicação, seja como oportunidade para modelagem e experimentação empírica, as condições parecem muito propícias a um investimento concentrado em pesquisa, cooperação internacional, validação empírica e aumento na produtividade acadêmica alavancada pela temática “moedas digitais” e “teoria do valor” em suas implicações interdisciplinares nas “cidades inteligentes” (“smart cities”).

Tal investimento num programa de pesquisa-ação com foco em

2 www.sites.usp.br/milclicks/

moedas inteligentes, sociais e criativas tem sua importância tanto na área de economia, finanças e negócios, como pode alcançar esferas obrigatórias em vista da digitalização ubíqua, imersiva e gamificada, tais como direitos humanos, privacidade, finanças comportamentais, psicologia social e política, modelos de digitalização urbana (“smart cities”) e de modo mais amplo promover a inserção das próprias universidades no conflito distributivo contemporâneo às economias de plataforma (inclusive no horizonte dos mercados de educação, conhecimento e cultura).

Uma nova economia resulta da acumulação de algoritmos. Quais os seus mecanismos de geração de valor, emprego, renda, capital e expectativas? Quais ícones, que literacias e competências, quais infraestruturas determinam e condicionam o desenvolvimento dessas plataformas? Quais os seus efeitos locais, territoriais, regionais e globais?

Que direitos criam e destroem, que limites são superados ou repostos do ponto de vista do acesso a conforto material e compartilhamento de patrimônio imaterial?

Quem são seus protagonistas nas esferas empresariais, governamentais, sociais e políticas?

Qual a inserção de crianças e jovens como dínamos dessa economia de ícones digitais? Como as novas gerações se percebem e que futuros sociais, econômicos e afetivos estão em processo de configuração?

Quais as rupturas sobre a ordem vigente, quais as oportunidades frente ao caos destrutivo evidente e a massificação global da cultura de massa? Como devem a universidade e a pesquisa acompanhar essas trans-

formações favorecendo a diversidade cultural por meio de uma interferência no próprio mecanismo de representação do valor?

A diversidade cultural é indissociável da diversidade monetária. É fundamental levar à prática, num momento de crise global dos padrões monetários, financeiros e cambiais, uma guinada conceitual, tecnológica e de socialização da inovação na medida em que se aproximam as redes acadêmicas, setores empresariais, governamentais e da sociedade civil, com a finalidade de gerar e reconstruir infraestruturas, conteúdos e dinamismos voltados ao desenvolvimento do empreendedorismo criativo pleno de liberdade, fraternidade e diversidade.

Referências Bibliográficas

Benkler, Y. (2006) *The Wealth of Networks*, Yale University Press, <http://www.benkler.org/Benkler_Wealth_Of_Networks.pdf> (accessed 14 March 2016).

Boltanski, L., Chiapello, E. (2006) *The New Spirit of Capitalism*, Verso, Paris.

Brown, J.S., Duguid, P. (1991) *Organizational Learning and Communities of Practice: Toward a Unified View of Working, Learning, and Innovation*, *Organization Science*, <<http://citeseerx.ist.psu.edu/>

[viewdoc/download?doi=10.1.1.530.7851&rep=rep1&type=pdf](#)> (accessed 14 March 2016).

Cabral, A., Carvalho, A. (n.d.) From “alterglobalization” to “outrage”: rebuilding social networks in the beginning of the XXI century, <http://mediagovernance.univie.ac.at/fileadmin/user_upload/p_mediagovernance_industriesresearchgroup/Papers/Adilson_Cabral___Aline_Carvalho.pdf> (accessed 14 March 2016).

Castells, M. et al. (2007) Communication, power and counter-power in the network society, <<http://escoladeredes.net/group/bibliotecamanuelcastells> (accessed 14 March 2016).

Fonseca, A. C (Org.) (2008) Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento, São Paulo: Itaú Cultural, <http://www.isegnet.com.br/siteedit/arquivos/Economia_Criativa_Estrategias_Ana%20Carla_Itau.pdf > (accessed 14 March 2016).

Fundación Telefónica (2011) El siglo XXI está llamado a ser el siglo de las ciudades. Madrid: Ed. Ariel.

Gawer, A., Cusumano, M. A. (2013) ‘Industry platforms and ecosystem innovation’, *Journal of Product Innovation Management* 31(3), 417-

433, <<http://dspace.mit.edu/openaccess-disseminate/1721.1/98590>> (accessed 14 March 2016).

Jenkins, H. (2009) *Confronting the Challenges of Participatory Culture -Media Education for the 21st Century*, The John D. and Catherine T. MacArthur Foundation Series on Digital Media and Learning, MIT Press, <https://mitpress.mit.edu/sites/default/files/titles/free_download/9780262513623_Confronting_the_Challenges.pdf> (accessed 14 March 2016).

Kenney, M, Zysman, J. (2015) *Choosing a Future in the Platform Economy: The Implications and Consequences of Digital Platforms*, Kauffman Foundation New Entrepreneurial Growth Conference, Discussion Paper Amelia Island Florida, Berkeley Roundtable on the International Economy, 18/19 June 2015 <<http://www.brie.berkeley.edu/wp-content/uploads/2015/02/PlatformEconomy2DistributeJune21.pdf>> (accessed 14 March 2016).

Mara, M. P. (2005) *Cities of knowledge: cold war science and the search for the next silicon valley*, New Jersey: Princeton University Press.

Picard, R. G. (2008) *Media Clusters: Local Agglomeration in an Industry Developing Networked Virtual Clusters*, JIBS: Working Paper

Series, <<http://www.robertpicard.net/PDFFiles/mediacusters.pdf>> (accessed 7 January 2016).

Plonski, G. A. (2007) 'A inovação e as demandas sociais', in J. Marcovitch Crescimento econômico e distribuição de renda, São Paulo: EDUSP-SENAC.

Schuler, D. (2008) 'Public sphere project', in D. Schuler, *Liberating Voices – A Pattern Language for Communication Revolution*, Boston: MIT Press, <<http://www.publicsphereproject.org/patterns/pattern-table-of-contents.php>> (accessed 7 January 2016).

Schwartz, G. (2015) Mercado de trabalho: a terceirização dos robôs, Cadernos ADENAUER, São Paulo, v. XVI, 191-204.

Schwartz, G. (2006) Princípios de Iconomia, E-Compós, Brasília, v. 7, 1-14.

Schwartz, G., Lopes, M. B. (2007) 'Digitalization X Emancipation: Technological Images and Horizons for Social Memory and History', *International Journal of Technology, Knowledge and Society*, v. 02, 81-90.

Schwartz, G. (2004) 'Information and Communication Technologies

(ICTs) and Digital Networks’, Chapter 10 in Science, Technology and Innovation Indicators in the State of São Paulo, <http://www.fapesp.br/indicadores2004/volume1/cap10_voll.pdf> (accessed 14 March 2016).

Schwartz, G. (2014) *Brinco, Logo Aprendo - Educação, Videogames e Moralidades Pós-Modernas*, Editora Paulus.

Schwartz, G. (2008) ‘Community currencies’, in D. Schuler *Liberating Voices – A Pattern Language for Communication Revolution*, Boston: MIT Press. Disponível em: <<http://www.publicsphereproject.org/patterns/pattern-table-of-contents.php>> (accessed 7 January 2016).

Schwartz, G. (2008) ‘Digital emancipation’, in D. Schuler *Liberating Voices – A Pattern Language for Communication Revolution*, Boston: MIT Press, <<http://www.publicsphereproject.org/patterns/pattern-table-of-contents.php>> (accessed 7 January 2016).

Schwartz, G. (2000) *O Capital em Jogo, Fundamentos Filosóficos da Especulação Financeira*, Editora Campus: São Paulo, 2000.

Smith, S. (2010) *The architecture of sharing. Shareable Cities*, <<http://shareable.net/blog/the-architecture-of-sharing>> (accessed 7 January 2016).

2016).

Stiglitz, J. (2001) Information and the Change in the Paradigm in Economics, Nobel Prize Lecture, <http://nobelprize.org/nobel_prizes/economics/laureates/2001/stiglitz-lecture.pdf> (accessed 14 March 2016).

Viana, D. (2015) A técnica como modo de existência em Gilbert Simondon: Tecnicidade, alienação e cultura, *Dois Pontos (UFPR)*, v. 12, 83-98.

Viana, D. (2015) 'Individuation and the synthesized network: an approach to digital convergence', *Journal of media and communication*, v. 6, 34-45.

Viana, D. (2011) 'Dinheiro bom é para poucos'. *Valor Econômico*, São Paulo, 12-17.